

# O Progresso Catholico

«... sequor autem, si quo modo  
comprehendam...»

AD PHILIP. 3, 12.

RELIGIÃO E SCIENCIA  
LITTERATURA E ARTES

«... ad ea quæ sunt priora extendens meipsum  
ad destinatum pe:sequor, ad bravium  
triumphi Ecclesiæ... in Christo Jesu.»

AD PHILIP. 13, 14.

Editor e administrador, JOSÉ FRUCTUOSO DA FONSECA—Redactor, A. PEIXOTO DO AMARAL Typ. de J. F. da Fonseca—Pizarria, 74

SUMMARIO:—Carta de Sua Santidade Leão XIII.—SECÇÃO DOCTRINAL: *Ainda os socialistas e o marquez de Pombal*, pelo ex.<sup>mo</sup> snr. A. Peixoto do Amaral.—SECÇÃO CRITICA: *Biblia*, pelo ex.<sup>mo</sup> snr. Alves d'Almeida.—SECÇÃO LITTERARIA: *Excavações* (poesia), pelo ex.<sup>mo</sup> snr. A. Moreira Bello; *A Nau Cathrineta*; *O rosario*, pela ex.<sup>ma</sup> snr.<sup>a</sup> M. M.; *Vá!* pelo ex.<sup>mo</sup> snr. Alves d'Almeida.—SECÇÃO HISTORICA: *P. Alexandre Mollet*, pelo rev.<sup>mo</sup> snr. Padre João Vieira Neves Castro da Cruz.—SECÇÃO ILLUSTRADA: *S. Emeterio e S. Celedonio, martyres*; *Agar no deserto*.—RETROSPECTO.—SECÇÃO BIBLIOGRAPHICA.—CALENDARIO.

**Gravuras:** *S. Emeterio e S. Celedonio, martyres*; *Agar no deserto*.



S. Emeterio e S. Celedonio, martyres



## Carta de Sua Santidade Leão XIII

### Papa pela divina Providencia

Aos Arcebispos e Bispos  
do Brazil

LEÃO XIII, PAPA

Aos Nossos Veneraveis Irmãos  
os Arcebispos, e Bispos do Bra-  
zil.

*Veneraveis Irmãos, saude e benção apostolica*

Com viva alegria vemos que a Nossa sollicitude paternal e providente para com a vossa nação produziu excellentes resultados, sobretudo graças ao vosso zelo, Veneraveis Irmãos. Tomando por guia a Carta apostolica por Nós publicada a 2 de julho de 1894, procedestes de modo, por vossos cuidados e trabalhos, a reanimar a piedade entre o povo e a pôr em vigor a antiga disciplina entre os homens revestidos das ordens sacras.

Não ignoramos os esforços que haveis feito para manter os direitos dos religiosos que subsistiram das antigas Ordens d'esse paiz, e para fazer florescer de novo o primitivo esplendor do seu instituto. Com estes religiosos collaboram fructuosamente outros irmãos idos da Europa, cujo nobre ardor não tem hesitado, nem deante da longitude de viagem, nem deante da inclemencia do clima, nem deante da differença dos costumes.

A's primeiras congregações foram ainda junctar-se outras, mais recentemente fundadas e numerosas, que, movidas pelo vosso zelo commum, convidastes, quer para fundar e dirigir collegios, quer para desempenharem outras funções sacerdotaes, para cumprimento das quaes o vosso zelo as encontrava em numero demasiado restricto. Emfim, não é para Nós menor motivo de consolação saber que nos vossos seminarios teem augmentado o numero de seus alumnos ou foram reformados.

Estes felizes inicios e os progressos realisados até agora, fazem-Nos esperar que, da decisão que tomamos de

augmentar a vossa hierarchia sagrada resultem fructos de salvação. Esta previsão parece justificada pelo vosso experimentado zelo, pela vossa conhecida actividade, e tambem pelo character piedoso dos Brazileiros e pelos seus habitos de devoção.

Certos pontos são entretanto tão necessarios ao progresso da religião catholica que não basta tel-os tractado uma vez de passagem; é preciso serem lembrados e recommendados frequentes vezes. Tal é sobretudo o caso que lhe diz respeito aos cuidados que é mister consagrar aos seminarios, porque os destinos da Egreja estão intimamente ligados ao estado d'estas instituições. Para que a sua disciplina seja renovada, temos sobretudo a peito vêr os jovens, que ha esperanças de se consagrarem a Deus terem aposentos separados, seguirem regras especiaes e terem uma maneira de viver propria. Alguns Bispos já obtiveram esse feliz resultado.

As casas reservadas a estes alumnos conservarão o titulo de seminarios; as instituições que tenham por fim formar os jovens para as carreiras civis terão o nome de comunidades ou collegios episcopaes. A experiencia quotidiana tem provado claramente que os seminarios mixtos não correspondem d'uma maneira sufficiente aos designios e ás sollicitudes da Egreja. Esta vida commum com leigos é causa de que a maior parte dos clerigos sejam afastados do seu fim sagrado. Convem, pois, que, desde a mais tenra idade, estes sejam habituados ao jugo de Deus, que se entreguem com ardor á piedade, não negligencieiem o santo ministerio e se formem na sua vida sacerdotal por exemplos que tenham deante dos olhos. Estes jovens deverão ser desde tenra idade postos ao abrigo dos perigos, separados dos profanos, educados segundo as salutarissimas regras propostas por S. Carlos Borromeu, e segundo a pratica seguida nos principaes seminarios da Europa.

Este mesmo cuidado d'evitar o perigo aos alumnos ecclesiasticos deve levar os seus directores a procurar-lhes para descaço, uma casa de campo, e não lhes deixar a faculdade d'irem livremente conviver com sua familia. Com effeito esses jovens que não estão sob a sua vigilancia, estão expostos a muito maus exemplos, sobretudo nos logares onde ha agglomerações d'operarios. Resulta d'isso que, inclinados ás paixões da juventude, os clerigos são afastados dos seus piedosos projectos ou, se se tornam Padres, serão para o povo objecto d'escandalo.

Recommendamos por isso com instancia uma empreza que já foi tentada entre vós por alguns Bispos, e vos aconselhamos, Veneraveis Irmãos, que

vulgariseis melhor no futuro a protecção ao joven clero, dando-lhe uma regra commum.

Tambem não desejamos menos, como já vos dissemos, que consagreis, sempre com a devida prudencia, zelosos esforços á redacção e diffusão de jornaes catholicos. Com effeito, tendo em consideração os habitos do nosso tempo, raro é que a multidão haura fóra d'estas leituras quotidianas as suas opiniões e as regras dos seus costumes. E' lamentavel vêr pessoas de bem desprezar estas armas que manejas pelos impios com um encanto enganador, preparam uma deploravel ruina á fé e aos costumes. Deveis, pois, aguçar a vossa penna e appellar para a vossa cultura intellectual, afim de que a mentira recue deante da verdade e os espiritos prevenidos obedeçam pouco a pouco á voz da razão e da justiça.

A este dever liga-se estreitamente um outro, que deriva do accesso dos catholicos aos negocios publicos e da sua eleição á assembleia legislativa. As melhores causas podem, com effeito, ser servidas com a palavra não menos que com a penna, tanto pela influencia e pela auctoridade moral como pelo talento litterario. Não Nos parece inoportuno que por vezes, homens revestidos d'ordens sacras sejam admittidos no seio d'estas assembleias; mais é permitido a estes soldados e para assim dizer a estas sentinellas da religião defender alli com exito os direitos da Egreja.

Mas devem sobretudo guardar-se de procurar estes logares com ardor tal que pareça que estes ministros de Deus obedeçam a uma miseravel ambição ou a um cego espirito de partido antes que ao cuidado dos interesses catholicos. Haverá coisa mais indigna do seu character sagrado do que taes luctas, que fazem manar do governo sobre o povo males funestissimos, a sedição e a discordia? E o que será se, unindo-se com ardor aos projectos dos maus cidadãos, fazem opposição perpetua á auctoridade constituída?

Todos estes actos produzem entre o povo um escandalo extraordinario, e excitam muito o odio contra o clero. Este deve, pois, usar com moderação do direito de voto e evitar o mais possivel que o suspeitem de ambição; deve cumprir prudentemente os cargos publicos e jámais afastar-se da obediencia devida á auctoridade suprema.

Apraz-Nos de novo Veneraveis Irmãos, exhortar-vos a usar de processos com os quaes possaes prover opportunamente entre vós á prosperidade da Egreja. E praza ao Ceu que os recursos não faltem ás vossas excellentes intenções, e que embaraços pecuniarios não venham difficultar a realisacção dos

vossos louváveis designios. O orçamento do Estado, com effeito, não vos fornece, como outr'ora subsidios quer a vós, quer aos cabidos, quer aos seminarios, quer aos parochos, e não subvenciona a construcção d'edificios sacros. Resta-vos, pois, apenas um auxilio: a livre generosidade popular. Sobre este ponto uma coisa ha que muito Nos dispõe á esperanza: a nobreza d'alma a que está habituado o povo Brasileiro e a facilidade da sua generosidade, principalmente d'aquella que permite ao doador bem merecer da Igreja. Esta qualidade dos Brasileiros louvamos já nas nossas Cartas acima citadas, quando, alludindo ás numerosas dioceses que é necessario dotar, e que mais pobres se encontram, dissemos que nada tinhamos a prescrever, que tinhamos bastante confiança na piedade e religião do povo Brasileiro, e que o concurso d'este ultimo não faltaria aos Bispos. Nós vos apresentariamos como exemplo a affectuosa liberalidade de que os fieis da America do Norte deram prova para com os seus Bispos, muito mais numerosos, para com collegios, escolas catholicas e outras piedosas instituções, se a vossa nação não fornecesse já em abundancia magnificos exemplos d'este genero. Oxalá no futuro não sejam esquecidos todos esses notaveis templos que os vossos antepassados tiveram cuidado de construir, todos esses mosteiros que elles dotaram, todos esses grandiosos monumentos da sua piédade e da sua beneficencia, que elles vos deixaram.

Ha muitas maneiras d'acudir ás necessidades da Igreja. Entre estas, consideramos muito util aquella que consiste em crear, em cada diocese, uma caixa onde, todos os annos, os fieis depositem as suas esmolas, as quaes serão recolhidas por pessoas d'ambos os sexos, escolhidas entre as mais distinctas, com o consentimento e a direcção dos parochos. Importa que o papel d'estes seja preponderante n'estas larguezas; resultado que excellentemente obterão se quizerem ceder alguma coisa das rendas certas, frequentes vezes assaz largas, de que gosam, e imporem-se, por assim dizer, uma taxa sobre as suas rendas incertas.

Um auxiliar não menos importante pôde ser fornecido aos Bispos que tem poucos meios de fortuna pelos mosteiros e piedosas confrarias, cujos recursos sejam mais que sufficientes. De resto, contribuirão para o bem commum com mais justiça destinando á caixa diocesana as sommas não mediocres ordinariamente gastas em espectaculos profanos pelas ditas confrarias. Emfim, se houver pessoas particularmente cumuladas de bens de fortuna que desejem, segundo o louvavel cos-

tume dos seus ante-passados, pôr no seu testamento liberalidades, quer em favor de piedosas associações, quer de quaesquer boas obras, exhortamolas vivamente a que se recordem de dar uma parte aos Bispos, afim de que estes, mais providos de recursos, possam salvar guardar melhor os interesses da Igreja e a sua propria dignidade.

Nós, Veneráveis Irmãos, a quem a injustiça dos tempos obriga a pedir mais assiduamente a esmola de S. Pedro, pleiteamos a vossa causa. Demais, para vos reanimar, pensae primeiro que tudo na confiança que devemos ter em Deus, «poisque é Elle que toma cuidado de vós (1)» e repassae no vosso espirito estas palavras do Apostolo: «Aquelle que fornece a semente ao sementeiro, fornecerá pão para comer e multiplicará a vossa justiça, e augmentará o accrescimento da messe (2)».

Quanto ao clero e ao povo, para a direcção dos quaes o Espirito Santo vos faz Bispos, evoquem o spectaculo d'essa liberalidade primitiva dos crentes, cuja multidão «tinha um só coração e uma só alma (3)», esses crentes mais cuidadosos da santa Sociedade e Igreja do que dos seus proprios bens, evendiam o que tinham, e, levando o preço de que haviam vendido, o depositavam aos pés dos apostolos (4).» Recordem-se das palavras de S. Paulo, cuja persuasiva eloquencia, Nós lhes recommendamos: «Supplicamo-vos, Irmãos, que conhecaes aquelles que trabalham no meio de vós, que vos dirigem no Senhor e que vos aconselham, afim de que lhes deis um logar mais largo na vossa caridade, por causa da obra que elles realisam (5).»

Entretanto, como augurio dos beneficios celestes e como testemunho da Nossa benevolencia, Nós vos concedemos affectuosamente no Senhor, a vós, Veneráveis Irmãos, ao vosso clero e ao vosso povo a benção apostolica.

Dada em Roma, junto de S. Pedro, aos 18 de setembro de 1899, vigesimo segundo anno do Nosso Pontificado.

LEÃO XIII, PAPA.

## SECÇÃO DOCTRINAL

### Ainda os socialistas e o marquez de Pombal

Não n'um dos ultimos numeros dissemos alguma coisa á cerca, d'este assum-

(1) I Petr. V, 7.

(2) II Cor. IX, 10.

(3) Act. IV, 32.

(4) Act. IV, 34-35.

(5) I Thess. V, 12-13.

pto; mas como se fez a projectada manifestação, e apesar de tudo quanto dissemos, se continuou a victoriar a liberdade, saudando o maior mantenedor que em Portugal tem havido do absolutismo e do Poder Real, vamos dizer alguma coisa para mostrar aos nossos leitores a sem razão d'esses senhores, e a sua supina ignorancia.

Todo o entusiasmo d'esses senhores pelo marquez de Pombal, nasce do seu reconhecimento pelo homem que *teve a coragem* d'expulsar os Jesuitas. Sim! os Jesuitas foram, são, e continuarão a ser o papão que ha de metter medo a todos os inimigos da sociedade, dos poderes constituídos e da religião.

Effectivamente o marquez de Pombal, no mesmo anno em que mandou matar o duque d'Aveiro, o marquez e a marquez de Tavora, e suppliciar o Padre Malagrida, expulsou os Jesuitas, por odio que tinha a esses santos varões. O seu crime foi terem christianisado e feito prosperar o Paraguay durante 130 annos, fazendo dos antigos guaranis selvagens um povo virtuoso de costumes puros, que amava a temperança e a vida da familia. Porque os Jesuitas obraram prodigios em Chiquitos, no Paraguay e ao longo de toda a costa do Rio da Prata. Quem pode descrever as fadigas, as luctas, os soffrimentos d'estes homens consagrados a Deus? Com o machado em punho, desbravaram caminhos incultos, onde nunca havia pisado o pé do homem. Atravessaram rios, correntes e mares, arriscando a vida em frageis barcos ou calcando o gelo nos mares solidificados. Mas venceram. Sendo o Paraguay cedido pelos Hespanhoes a Portugal, nunca pôde o marquez impedir que os indigenas desprezassem os Jesuitas.

E quando em 1759 eram expulsos em Portugal, ficaram os jesuitas hespanhoes a preponderar até 1767, anno em que Carlos III os expulsou de Hespanha. Vendo-se sem uns, e sem outros, foram os paraguayos governados pelo Vice-Rei de La Plata até que proclamaram a Independencia.

Mas quando o marquez de Pombal os expulsou em 1759, não havia ainda o Chefe supremo da Igreja abolido a ordem. Governava a santa igreja catholica o Papa Clemente XIII, e ainda depois d'isso viveu oito annos, sem que confirmasse esse acto de cobardia infinita.

Em 1762 (trez annos depois), expulsava-os Luiz XV em França. Porque? Porque Madame de Pompadour, (Joanne Antoinette Poisson) feita marquez em 1745, por se ter separado do marido, Le Norman d'Etioles e se ter unido escandalosamente a Luiz XV, a quem depois completamente dominou, foi combatida por elles, exactamente como

S. João combateu os amores de Herodiades com seu cunhado Herodes. Esta mulher custou mais de 40 milhões de francos á França, deu empregos, gastou á farta, indignou toda a gente, apesar da enorme devassidão que então reinava na corte. Em 1757, por occasião do attentado de Damiens, decahiu das boas graças do rei. Mas já em 1761 se havia de novo congraçado com Luiz XV, graças aos bons serviços do duque de Choiseul, que foi substituir nos conselhos da corôa ao pacífico Bernis. Nunca pôde esta mulher cruel perdoar aos seus inimigos de 1757, por serem virtuosos; e no anno seguinte (1762) obtinha do fraco Luiz XV a expulsão da Companhia em França. Estava ainda cingindo a thiara o Summo Pontifice Clemente XIII, que ainda viveu mais seis annos, *sem nunca ter abolido a ordem*. Pompadour morreu dois annos depois, de melancolia inconsolavel. . .

Passados cinco annos, em 1767, expulsava de Hespanha os Jesuitas el-rei Carlos III. Como assim, tambem elle? Sim, tambem elle; mas não foi por crimes que os Jesuitas commettessem. A historia attribue este facto a vingança, de que elles foram innocentes. Quando Carlos III intentou a reforma da Academia das Bellas Artes de S. Carlos em Valencia, a reforma dos *collegios maiores* etc. encontrou opposição em Madrid, opposição que chegou a tomar os limites d'uma verdadeira revolta em 1766, quando o filho de Fillippe V prohibiu os longos capotes e os chapéos derrubados que então se usavam. E tamanha foi a sedição, que o rei teve de fugir para Aranjuez, (a 50 kil. a S. de Madrid) vendo-se obrigado a sacrificar o seu ministro Squillace. Julgando que o clero era inimigo de innovações (porque assim lh'o metteram em cabeça), e sem mais provas, declarou-se contra os Jesuitas, que expulsou do reino em 1767.

E Clemente XIII ainda durou mais dois annos, e não confirmou nenhum d'estes iniquos actos!

Estava isso reservado a seu successor o Pontifice Clemente XIV, que, para dar a paz á Igreja se viu obrigado a abolir a ordem em 1773.

Mas é preciso que se saiba, que o immortal Pontifice Pio VII de novo a restabeleceu, para todo o orbe catholico em 1814.

Falta fazer um reparo. Como é que, sendo os admiradores do marquez de Pombal tam amigos da *legalidade*, aponto de estarem sempre a exigir o *cumprimento da lei* contra os Jesuitas, estão sempre *fóra da lei*, para fazerem arruaças e conspirarem contra as instituições?

Alem d'isso é preciso que notem que, quando falleceu D. José, e subiu ao

throno sua filha D. Maria I, foi em 1777, o marquez condemnado por abuso do poder, *tornadas sem effeito todas as suas reformas e julgadas innocentes todas as pessoas que elle havia condemnado*.

Como é que, pois, se hão de cumprir as suas leis?

A. PEIXOTO DO AMARAL.

## SECÇÃO CRITICA

### Biblia

(Continuado de pag. 218)

SAUL. Filho de Cis, filho d'Abiel da tribu de Benjamin. Ungido por Samuel, foi o primeiro Rei dos filhos de Jacob. Foi seu reinado bom a principio; mas depois da morte do gigante Golias, lá porque umas mulheres das cidades vizinhas se ajuntaram a cantar: «Saul matou mil, mas David matou dez mil,» se indignou, dizendo: Que lhe falta senão o reinado?»

E d'alli por diante se tornou outro, e fez quanto pôde por matar a David que era tão seu amigo que por duas ou trez vezes o não matou porque não quiz.

Morreu Saul na batalha de Gelbué contra os philistheus, deixando-se cahir sobre a ponta da sua lança, ao ver-se apertado e já ferido, o que vendo o seu escudeiro, fez outro tanto. Por sua morte reinou Isbozeth seu filho. V. *Isbozeth*.

—Este Isbozeth foi um pobre diabo, ou um basbaque inerte incapaz de fazer bem ou mal, conforme o seu nome indica.

SAULIO TERCIO. E' o apostolo S. Paulo. Era romano natural de Tarso da Cicilia. Tendo sido um temivel perseguidor de Christo, Deus o fez converter um dia tão repentina como prodigiosamente, indo elle ainda contra os apostolos de Jerusalem para Damasco. V. *Paulo*.

SEBA. Filho de Bochri. E' o nome d'um liberalasta que, tendo os da tribu de Judá,—sem injuria,—dicto que eram mais parentes do Rei, quando David recolhia a Jerusalem depois da queda d'Absalão, disse em altas e insultantes vozes: «Que temos nós lá com o Rei? Volte Israel ás suas tendas!»

E todos os filhos de Jacob obedeceram á sua,—hoje italianissima voz,—á excepção da tribu de Judá e poucos mais que acompanharam o Rei de Jerusalem aonde, tendo chegado David, mandou logo em perseguição do Seba que foi encontrado em Abella, sendo que uma mulher d'esta cidade lhe fez rolar a cabeça por cima de seus muros, evitando assim a destruição d'Abella. V. *Abella*.

SEBIA. Mulher d'Occozias Rei de Judá. Foi mãe de Joaz, sobrinho de Joazabath.

SEDECIA. Filho de Jozias e de Amital. Succedeu o seu sobrinho Jeconias no throno de Judá. Foi seu reinado mau e o mais desgraçado de todos os reinados; porque, tendo-se rebellado contra Nabucodonozor, foi este contra Jerusalem que sitiou, cujos habitantes mortos de fome durante o cêrco que durou perto de 2 annos, apenas o Rei de Babilonia rompeu seus muros, se puzeram em fuga, sendo que Sedecias foi apinhado juncto a Jericó e levado a Nabucodonozor que, depois de o ter feito ver parecer a seus filhos, lhe mandou tirar os olhos—ó troculencia!—e o levou para Babilonia carregado de ferros.

Reinou Sedecias cerca de 11 annos em Jerusalem, tendo depois d'elle sido posto Godolias como Governador dos restos de Judá com séde em Masphat. V. *Nabuzardan*.

SEDECIA. Propheta filho de Canaan. Deu uma bofetada em Miqueias por elle não prophetizar consigo e outros. V. *Miqueias*.

SEDUCCOES. «Todo aquelle que seduzir uma donzella, diz a Lei de Moyses, será obrigado a casar com ella: e, se o pae ainda assim lh'a não quizer dar, será obrigado a dotal-a conforme as da sua laia costumarem a ser dotadas.»

—Como se vê, já vem de longe o abuso, mas bom seria reprimil-o com leis mais severas.

SEGOR ou BALA. Cidade para onde Loth se retirou com sua familia por occasião do pavoroso incendio de Sodomá, Gomorrha, Adama, etc., mas aonde pouco se demorou. V. *Caverna*.

SENON. Rei de Amorrh. Deu batalha aos filhos de Jacob que o derrotaram em Jaza ou talvez Gaza, e se assenhorearam das suas terras desde Arnon a Jaboc, e d'aqui até Ammon. V. *Hezebon*.

SEIR. E' o nome d'um monte e d'uma cidade. D'aqui é que Ezaú sahio ao encontro de Jacob, quando voltava da Mesopotamia para Canaan com sua familia e bens, para, apesar de 20 annos que já lá iam, se vingár d'elle pelo logro da sua primogenitura, etc. etc. Mas, tendo-se Jacob prostrado sete vezes em signal de obediencia a seu irmão, ao avistal-o, este o abraçou e o beijou e ficaram amigos.

Este feliz encontro foi perto do rio Jacob, ou pouco depois da lueta do anjo com Jacob. V. *Israel*.

SEIROTH. Cidade d'onde Aod sahio contra Eglon, Rei de Moab. V. *Aod*.

SELA. Mulher de Lamech filho de Mathuzael. V. *Thubalcain*.

Houve outro Lamech filho de Mathu-

zalem, que foi pae de Noé, isto é, o Lamech.

**SELLUM.** Servo de Zacharias, Rei de Israel. Tendo matado a seu amo, subiu ao throno em seu lugar no anno 39 d'Ozias, Rei de Judá.

Reinou Sellum apenas 2 mezes, porque Manahem o matou, reinando tambem em seu lugar no mesmo anno 39 d'Ozias. V. *Manahem*.

**SEM.** Filho de Noé a quem deu 5 netos: Elam, Assur, Arfaxad, Lud e Aram. Depois do louco empreendimento da construcção da *Torre de Babel*, occupou a Azia.

D'elle descendem os filhos de Jacob, bem como a maior parte dos povos orientaes.

**SEMBER.** Rei de Seboim ou Saboim. V. *Bersa*.

**SEMEI.** Filho de Gera da parentella de Saul. Amaldiçoou a David face a face, quando a conspiração d'Absalão tomava as melhores proporções para a desthronação do pae de Salomão, que depois lhe perdoou.

**SEMEIAS.** Propheta por quem Deus mandou dizer a Reboam, que não guerreasse a Jeroboam filho de Nabat, a quem pretendia fazer guerra por elle o haver despojado do reino das 10 tribus, conforme a predicção de Ahias, porque tal despojo representava a punição dos peccados de Salomão seu pae. V. *Ahias*.

**SEMEIAS.** Falso propheta. Foi morto com seus filhos no templo de Jeremias, por prophetizar a esmo tudo que lhe parecia bem.

**SENNAAB.** Rei de Adama. V. *Bersa*.

**SENNAQUERIB.** Rei d'Assyra do tempo d'Ezequias Rei de Judá. Depois d'haver tomado algumas cidades de Israel e de Judá, aonde n'uma noite perdeu 180 mil homens, veio a ser morto por seus filhos Addramelech e Sarazar no templo de Nesroch em Ninive. V. *Ezequias* e *Addramelech*.

**SENTINAS.** O Rei Jehu, depois d'arrazar o templo de Baal, fez construir sentinas publicas sobre os seus alicerces. V. *Jehu*.

**SEPHION.** Filho de Gad filho de Jacob e de Zelpha. Teve mais 6 irmãos: Aggi, Suni, Hezebon, Heri, Arod e Arieli.

**SEPHORA.** Parteira egypcia a quem Pharaó, depois d'esquecidos José e Jacob, ordenou que matasse todos os filhos machos das mulheres hebreias, porque n'este tempo eram os israelitas temidos no Egypto e, por isso mesmo, odiados. V. *Fua* e *Rio*.

**SEPHORA.** Filha de Jethro sacerdote de Madian. Foi mulher de Moysés a quem deu 2 filhos: Gerson ou Gersam e Eliezer.

**SEQUENIAS.** Orando Esdras um dia no Templo de Jerusalem por causa dos peccados de Judá que, tendo voltado

de Babylonia, continuava a tomar por mulheres as filhas de seus inimigos, e a dar-lhe as suas, contra o expresso na Lei do Sinay, Sequenias lhe apresentou a ideia de se destruir o mal fazendo sahir do meio dos filhos de Jacob toda a mulher estrangeira, bem como os filhos que d'ellas houvesse entre os judeus, cuja ideia Esdras acceitou e, fazendo reunir todo o povo, de pleno accôrdo fez pôr em execução.

**SERGIO PAULO.** Proconsul de Paphos. Tendo um dia mandado chamar S. Paulo á sua presença para ouvir a palavra de Deus, Barjezús que estava comsigo, o pretendia embaraçar para que Sergio o não ouvisse, pelo que Paulo olhando para o Ceu e depois para elle, disse: «O' cheio d'engano e d'astucia, inimigo da justiça; porque não deixas tu de perverter os caminhos do Senhor?!» E, proseguindo, concluiu: «Pois agora saberás quem é Deus, porque ficarás cego até certo tempo!» E no mesmo instante cegou Barjezús, o que vendo Sergio se maravilhou a ponto tal que, desde logo, se converteu a Christo. V. *Barjezús*.

**SERPENTE.** Sob a figura d'este animal é que o anjo rebelde appareceu a Eva no Paraiso terrestre para a fazer peccar contra Jehovah, comendo do fructo prohibido e fazendo que d'elle dêsse a seu marido, etc. etc., segundo a Escriptura nos ensina.

**SERPENTE DE METAL.** Tendo Deus permitido que uma multidão de serpes venenosas infestasse o campo d'Israel por os filhos de Jacob terem blasphemado contra o Senhor, e tendo Moysés pedido a Jehovah que fizesse desaparecer aquelle flagello do meio do seu povo, Deus lhe ordenou que fizesse uma *Serpente de metal* e a puzesse por signal para que, todo aquelle que fosse mordido, olhando para ella, ficasse curado.

Esta Serpente, no sentir dos Doctores da nossa Lei, é o symbolo do Martyr do Golgotha, remedio para todos os males.

**SERUG.** Filho de Reu filho de Faleg. Foi pae de Naccor pae de Thare pae d'Abraão. Viveu 230 annos.

**SETH.** Terceiro filho d'Adão a quem deu um neto chamado Enos. Viveu 912 annos.

**SETHIM.** Cidade d'onde Israel, sob as ordens de Josué, se dirigiu a Jericó, passando o Jordão a pé enxuto.

**SEZAC.** Rei do Egypto. Foi a Jerusalem no 5.º anno de Roboam e levou os thezouros da casa de Deus e do palacio do Rei, inclusivè os escudos d'ouro de Salomão.

—Ninguém tenha confiança nas coisas d'este mundo; porque, quando Deus quer, do nada se chega a muito e do muito se chega a nada. V. *Roboam* e *Jeroboam*.

**SIÃO.** E' o nome d'uma fortaleza que David tomou aos jebuzeus quando foi de Hebron para Jerusalem ou Jebuz, seu primeiro nome, que era o do seu fundador, filho de Canaan filho de Cam filho de Noé.

Dá-se-lh'o nome de Fortaleza de Sião por ser sobre o monte «Sião», aonde Jebuz filho de Canaan lançou os fundamentos da grande prostituta a que mais tarde se deu o nome de «Cidade sancta», e que algumas vezes e foi.

**SICCAR.** Cidade da Samaria. O poço de Jacob aonde Jesus encontrou a Samaritana dos 6 maridos a quem pediu agua para beber, etc. etc., era juncto d'esta cidade, ao pé d'uma herdade que o mesmo Jacob havia comprado para seu filho José.

**SICELEG.** Deixando David o deserto de Liph ou Ziph, se refugiou com a sua gente para casa de Aquias Rei de Geth a quem, depois de offerecer os seus serviços contra os israelitas, pediu uma cidade, o que elle lhe concedeu, dando-lhe Siceleg.

D'esta cidade sahia David muitas vezes em continuas e sangrentas correrias contra os philisteus e amalecitas a quem, durante o tempo que alli esteve, fez grandes estragos e tomou grandes prezas, pensando Aquiz que todos aquelles males eram feitos aos israelitas, pelo que o convidou a acompanhar o seu exercito contra os filhos de Jacob; mas, não agradando David aos principes dos philisteus que não eram tão simples como Aquiz, o Rei de Geth o mandou, já de bem longe, recolher a Siceleg com os seus 600 homens aonde, tendo chegado, a achou saqueada e desbaratada pelos amalecitas, que tinham levado as suas mulheres, bem como toda a familia da sua gente, alem de muitas outras. V. *Torrente do Bezor*.

(Continúa).

ALVES D'ALMEIDA.

## SECÇÃO LITTERARIA

### EXCAVAÇÕES

#### O REMORSO

(Poesia escripta para ser recitada, a caracter, n'um theatro de curiosos)

Consciencia! juiz interno,  
Implacavel, pavoroso,  
Tu tornas horrído inferno  
O existir do criminoso!  
De teus brados quem se exime,  
Quando, réo de enorme crime,  
Peito lhe punge e opprime,  
Incessante, um peso ingente?  
D'esse Deus que tudo adora,  
Ès a espada aterradora,  
Que chammeja, ameaçadora,  
Ante a fronte ao delinquente?

Que é do tempo bello, ameno,  
Decorrido na ventura,  
Em que prazer tão sereno  
Gosara esta, inda pura?  
Passava tranquillo o dia;  
Placido a noite dormia:  
Disfructava essa alegria,  
Que da paz de dentro vem:  
Mas do crime ao torpe alento  
Fugiu tudo n'um momento;  
E esta vida de tormento  
Um só remanso não tem!

Quem zombou da sociedade,  
Como eu n'outr'ora zombei;  
Quem a taça da maldade  
Esgotou, como esgotei;  
Quem com novo, atroz delicto,  
Suffocava o intimo gritou,  
Que lhe dizia: «E's maldicto,  
E's um monstro abominando»;  
Quem do Creador blasphemava,  
Seus preceitos desprezava,  
E suas leis aos pés calcava...  
Que lhe resta, ao miserando?

O remorso... acerbo, immenso,  
Em quanto a vida durar...  
Um soffrer perenne, intenso,  
N'um cadafalso expirar...  
E dos homens offendidos  
Levar, em vez de gemidos,  
De adeseus ternos, sentidos,  
Mortal odio, malilição!  
A seus juizos reverencia,  
Que tão perversa existencia  
Não é digna de clemencia.  
Não merece compaixão...

Des'que o sol começa o monte  
A doirar co'a luz que lança,  
Até que, sob o horizonte  
Desapparecendo, descanga,  
Triste o rosto e carregado,  
Taciturno, insocegado,  
As horas passa o malvado;  
Vivo fogo a alma lhe inflamma...  
Combater embalde tenta  
Essa agonia violenta,  
Que de continuo o atormenta:  
«Vingança!» tudo lhe clama.

Se o mais ligeiro ruido  
Vem seus ouvidos ferir,  
Ao coração comprimido  
Sente o sangue refluir...  
Crê das victimas as vozes  
Ouvir, terriveis, ferozes,  
Entre imprecações atrozés,  
Por castigo a Deus bradar;  
Ou do carrasco as passadas,  
Graves, horridas, pausadas,  
Pela abobada abafadas;  
Julga pavido escutar!

Quando a noite o escuro manto  
Desenrola sobre a terra;  
Quando de trevas e espanto  
Se cobre tudo o que encerra,  
Mais horror ao seio desce  
Do criminoso, e mais cresce  
A chamma que lhe escandece  
O angustioso coração!...  
E o somno, amigo propicio  
Do que exempto está do vicio,  
Prepara-lhe outro supplicio  
Em sanguinosa visão...

«Vingança! castigo!» são estas as vozes  
Dormindo, acordado, que escuto, e ferozes  
Me vem torturar!

São sangue, phantasmas, a forca o verdugo,  
Objectos que vejo, e que sinto, qual jugo  
Meu collo vexar!

A forca, o verdugo! Sim: breve meus crimes,  
Após do levita palavras sublimes,  
Expiados serão.

A humana justiça, n'outr'ora ultrajada,  
Será dignamente no mundo vingada  
De enorme baldão...

Depois, nada, nada me resta no mundo;  
Já nada na terra me é triste e jucundo:  
Morrido terei...

Mas lá, lá na eterna morada, constricto,  
Erguendo mil preces ao Deus infinito,  
Perdoado serei!

A. MOREIRA BELLO.

## A NAU CATHRINETA

Lá vem a nau Cathrineta  
Que tem muito que contar!  
Ouvide agora, senhores,  
Uma historia de pasinar.

Passava mais de anno e dia  
Que iam na volta do mar,  
Já não tinham que comer,  
Já não tinham que manjar.

Deitaram soila de molho  
Para o outro dia jantar;  
Mas a soila era tão rija,  
Que a não puderam tragar.  
Deitaram sorte á ventura  
Qual se havia de matar;  
Logo foi cahir a sorte  
No capitão general.

—Sóbe, sóbe marujinho,  
A'quelle mastro real,  
Vê se vês terras de Hespanha,  
As praias de Portugal.»

—Não vejo terras de Hespanha,  
Nem praias de Portugal;  
Vejo sete espadas nuas  
Que estão para te matar.»

—Acima, acima, gageiro,  
Acima ao topo real  
Olha se enxergas Hespanha,  
Areias de Portugal.»

Alviçaras, capitão,  
Meu capitão general!  
Já vejo terras de Hespanha,  
Areias de Portugal.

Mais enxergo tres meninas  
Debaixo d'um laranjal:  
Uma sentada a coser,  
Outra na roca a fiar;

A mais formosa de todas  
Está no meio a chorar.»  
Todas tres são minhas filhas,  
Oh! Quem m'as dera abraçar!

A mais formosa de todas  
Contigo a hei de casar.  
—«A vossa filha não quero,  
Que vos custou a crear.»

—Dar-te-hei tanto dinheiro  
Que não o possas contar.

—Não quero o vosso dinheiro,  
Pois vos custou a ganhar.

—«Dou-te o meu cavallo branco,  
Que nunca houve outro igual.»

—«Guardae o vosso cavallo,  
Que vos custou a ensinar.»

—«Dar-te-hei a nau Cathrineta,  
Para n'ella navegar.»

—«Não quero a nau Cathrineta,  
Que a não sei governar.»

—«Que queres tu, meu gageiro,  
Que alviçaras te hei de dar?»

—«Capitão, quero a tua alma  
Para commigo levar.»

—«Renego de ti, demonio,  
Que me estavas a tentar!  
A minha alma é só de Deus;  
O corpo dou eu ao mar.»  
Tomou-o um anjo nos braços,  
Não o deixou affogar.  
Deu um estoiro o demonio,  
Accalmaram vento e mar.  
E á noite a nau Cathrineta  
Estava em terra a varar.

## O rosario

ENTRE os innumerados objectos de devoção que possui a pessoa piedosa no seu oratorio, um dos que mais prende a nossa attenção, o nosso affecto, é sem duvida alguma, o rosario ou o terço da SS. Virgem. Nenhum objecto está enriquecido com mais graças e indulgencias. O rosario é essa cadeia mysteriosa que prende a terra ao céo, que une a creatura ao seu Deus e Senhor. O rosario é uma cadeia de ouro purissimo unido nas duas extremidades com uma cruz, symbolo da nossa redempção ou medalha da Virgem. A sua circumferencia compõe se de 150 Ave-Marias e 15 Padre-Nossos e outras tantas Glorias; ou 15 mysterios divididos em 3 terços, sendo —gozosos, dolorosos e gloriosos, onde podemos meditar todos os mysterios da vida e morte de Jesus e Maria. O primeiro terço é o gozoso allusivo á SS. Virgem. No primeiro mysterio d'este terço vemos o mensageiro celeste pairar sobre a modesta habitação de Nazareth e saudar a formosissima Virgem com estas sublimes e mysteriosas palavras: «Avé, cheia de graça, o Senhor é contigo e bendita és entre todas as mulheres, porque o que ha-de nascer de ti é santo e seu reino não terá fim.» No segundo mysterio, vemos a ardentissima caridade da Virgem na visita a sua prima Isabel em cujo seio ajoelhou o precursor de Jesus que Maria encerrava em suas castissimas entranhas. No terceiro vemos o sublime mysterio d'uma Virgem dar á luz um menino divino cuja formosura rivalisa a dos anjos e prometido ha 4 mil annos, para abrir as portas do céo que desde a queda dos nossos primeiros paes estavam fechados. Vemos ainda n'este mysterio os transportes, os extasis, d'aquella mulher singular, que foi a primeira a concorrer para a redempção do mundo, deante do seu adorado thesouro Jesus. No quarto mysterio, vemos Maria apresentar Jesus no templo a Deus seu Pae e no quinto, vemos o divino Infante no templo a disputar com os doutores, os quaes o escutavam admirados e confundidos. Oh! que lições d'amor, hu-



Agar no deserto

mildade, prudencia e conformidade nos offerece este primeiro terço do rosario! Cada Ave-Maria é uma rosa de finissima essencia engastada em esmeraldas e saphiras e cada Padre-Nosso um lyrio de purissimo alvor e fragrançia que alegra o Coração de Jesus. O segundo terço do rosario é o doloroso allusivo á paixão e morte do divino Redemptor. No primeiro mysterio vemos a Jesus no jardim das Oliveiras soffrendo uma agonia intensa com a representação de tudo que tinha de soffrer; e foi tão viva esta representação que principiou a suar sangue; e foi tal sua agonia que o fez exclamar: «Pae, se é possivel passe de mim este

calix, mas faça-se a vossa vontade e não a minha.» No segundo mysterio, vemos o mansissimo cordeiro flagellado com os castigos dos escravos. No terceiro vemol-o coroadado de agudos espinhos, cujas pontas penetravam até ao cerebro, fazendo-o soffrer dôres incriveis! No quarto mysterio vemos o innocentissimo Jesus transportar a seus hombros, pelas ruas de Jerusalem, a cruz d'ignominia e no quinto mysterio vemos o homem Deus crucificado no meio de dous ladrões a rogar a seu Eterno Pae pelos que o crucificavam, e prometendo o paraizo ao bom ladrão, e dar-nos por mãe sua propria Mãe.

Oh! que livro tão eloquente temos

n'este segundo terço do rosario! All estão gravados em caracteres indeleveis o mysterio da nossa redempção e salvação e vemos quanto custou a Jesus a nossa alma. Se soubemos ser gratos a um pae tão extremoso!... O ultimo terço do rosario é o glorioso, e, então, vemos no primeiro mysterio Jesus resuscitar ao terceiro dia immortal e impassivel. Depois no segundo mysterio, vemol-o subir ao céu como justa recompensa das innumeraveis dores que soffreu na terra. No terceiro mysterio contemplamos a descida do Espirito Santo sobre os apóstolos, transformando-os em homens novos. No quarto mysterio vemos Maria SS. entre hym-

nos de alegria subir ao céo, e no quinto mysterio vemos a SS. Virgem coroada pelos anjos e santos e constituida por rainha do céo e da terra. Oh! quem não terá uma predilecção especial pelo rosario? Quem, pois, não dedicará uma parcella da sua vida a contemplar os mysterios do rosario? E que graças não teem sido obtidas por meio d'esta devoção sublime, resumo de todas as devoções?! S. Domingos de Gusmão, esse devoto da SS. Virgem, é que nos falla de tantas graças obtidas por meio do rosario.

En'estes ultimos tempos não a vemos nós espalhada por todo mundo e enriquecida com graças especiaes, pelo actual Pontifice Leão XIII? Sua Santidade dedicou o presente mez á devoção do rosario, chamando-se-lhe por este motivo o mez do rosario, e mandou até addicionar á ladainha de Nossa Senhora mais estas palavras:—Rainha do SS. rosario» dando-nos a conhecer por este meio quanto agrada á SS. Virgem esta devoção. Por tanto, n'este mez bendito, que o pae commum dos fieis dedicou á Virgem debaixo do titulo do rosario, não nos esquivemos á pratica d'esta devoção tão sympathica á SS. Virgem. Oh! todos os dias diante da sua imagem recitamos, ao menos, um terço do rosario e assim offereceremos á Virgem um lindo presente que ella, infinitamente generosa, muito nos recompensará.

Seja pois o rosario a nossa devoção, e o grito constante das nossas almas e corações durante este mez e em toda a nossa vida seja: Virgem do SS. rosario roga por nós.»

M. M.

Vá!

Resplandece, oh luz divina,  
Sobre a sciencia hodierna  
Porque ella aprenda da hesterna  
A preparar a crastina:  
Não invejes a sabença  
Do descrever nem da licença.

Tu não vês que inda hontem era  
O que já hoje não é?...  
Bem que d'isto não dês fé,  
A mesma sorte te espera:  
Cá sobre a esphera mesquinha,  
Tudo ao nada se encaminha.

«Aonde móra o Inferno?»  
Pergunta o cego descrente.  
Porque nega abruptamente  
O Principio sempiterno:  
Leia a descrença a Escripura  
Que ha de achar o que procura

Teme, oh homem, francamente,  
Que o temor é necessario:  
Não teme o mal por nefario,  
Mas teme o bem por clemente:  
Do temor de Deus promana  
A vida da especie humana.

Attende a isto descrença.  
Porque aqui não ha mentira;  
Mas se a razão te delira,  
Attende ao SER que em ti pensa:  
Pondera que has de deitar-te  
Para não mais levantar-te.

ALVES D'ALMEIDA.

## SECÇÃO HISTORICA

### Galeria dos homens notaveis da Companhia de Jesus

CCCXXI

P. Alexandre Mallet

do presente seculo o famoso jesuita, de que agora me vou occupar. E, supposto que não me conste que tenha deixado algum trabalho litterario, não devo omitir o seu nome, não só porque foi um religioso distincto, mas ainda porque a sua vida tem muita relação com os negocios da Igreja de Portugal.

Não tenho noticia de que escrevesse alguma obra, repito, o que não quer dizer que a não escrevesse. Mas as suas virtudes e trabalhos apostolicos valem mais que todos os escriptos que publicasse, ou pudesse publicar.

Alexandre Mallet nasceu em Amiens (França) a 22 de setembro de 1799. Seus paes eram pobres de bens temporaes, mas ricos de graças espirituaes, d'aquillo que se chama honra e probidade. Mas, apezar da sua pequena fortuna, encontraram o meio de pôr o seu filho no estudo, a fim de seguir a carreira ecclesiastica, para a qual mostrava vocação.

A sua vocação era abraçar a vida monastica: foi á Companhia de Jesus, restabelecida na França, que Mallet dirigiu as suas vistas. Alli principiou o seu noviciado em 1819.

No anno seguinte os seus superiores o enviaram a Roma onde estudou theologia. Cinco annos se demorou na capital do mundo catholico, edificando os seus superiores e os seus companheiras por sua piedade e doçura de caracter, bem como por sua feliz applicação nos estudos. Voltou á França em 1825, sendo encarregado de ensinar philosophia e theologia.

Em 1829 o P. Alexandre Mallet fez parte na missão de Portugal, onde foi enviado com outros confrades. Estes missionarios foram pedidos por D. Miguel que então reinava e procurava dar ao povo a verdadeira educação religiosa.

Sobre este topico a estada dos jesuitas em Portugal, de 1829 a 1834, não quero ser muito extenso. Citarei um auctor insuspeito, Joaquim Martins de Carvalho.

Eis o que elle diz nos seus *Apostamentos para a historia contemporanea* publicados em 1868.

«Em 1829 foram admittidos novamente os jesuitas em Portugal, entrando no dia 13 de agosto d'aquelle anno em Lisboa...No dia 18 de fevereiro de 1832 entraram em Coimbra...Tomaram conta do Collegio das Artes no dia 22 do mesmo mez.»

Eram ao todo 6 ou 7 religiosos, entre os quaes o nosso Alexandre Mallet, que foi reitor do Collegio de Coimbra.

Agora ouça-se o que diz Martins de Carvalho, liberal d'alto cothurno:

«Devemos em preito da verdade dizer que o comportamento que os jesuitas tiveram em Coimbra foi sempre exemplarissimo. Extranhos completamente á politica, e cumprindo com todo o escrupulo os seus deveres religiosos, não houve pessoa alguma n'esta cidade, qualquer que fosse o seu partido, que tivesse o mais insignificante motivo de queixa d'elles.

«No tempo do cholera, que assolou esta cidade no anno de 1833, prestaram grandes serviços. Os constitucionaes que se achavam homisiados em variaas casas da cidade só dos jesuitas se confiavam.

«Os meninos que aprendiam instrucção primaria eram ensinados com grande carinho.

Os jesuitas eram eminentes no modo de tractar as crianças, tendo um condão particular para as attrahir.»

Bastam estes textos para o nosso intento.

O P. Mallet e seus consocios portaram-se dignissimamente, como verdalheiros filhos de Santo Ignacio. O testimonho de Carvalho é irrecusavel n'este ponto.

Accrescentarei que os jesuitas foram recebidos em Portugal com o maior respeito e veneração, com applauso; os povos corriam de toda a parte a ouvir os santos missionarios da Companhia e afinal foram expulsos com ignominia pelo snr. D. Pedro e seus sequazes a contento da seita liberal.

Adeante.

Alexandre Mallet regressou á França escapando a muitos perigos que soffreu com coragem e constancia. Em 1836 foi provincial em Pariz e em seguida mestre de noviços.

Por 1846 começou a padecer gravemente, mas no meio das suas enfermidades não deixou de se entregar com ardor aos deveres do seu ministerio.

Falleceu santamente a 19 de janeiro de 1856.

(Continua).

PADRE JOÃO VIEIRA NEVES CASTRO DA CRUZ.



## SECÇÃO ILLUSTRADA

**S. Emeterio e S. Celedonio, martyrs**

(Vid. pag. 241)

Sabemos que se escreveram por extenso as circumstancias todas do martyrio dos sanctos irmãos Emeterio e Celedonio; porém o tyranno que os sentenciou á morte, ordenou que nada se escrevesse e que se entregasse ás chammas o que apparecesse escripto ácerca d'estes dois Santos.

Diz-se que eram naturaes de Leon e filhos de S. Marcello, que fôra capitão de legião romana que havia n'aquella cidade.

A exemplo do seu pae, os dois filhos seguiram tambem a carreira das armas.

Havia já muito que militavam debaixo das bandeiras do imperador, quando souberam que se encarnicava nas Hespanhas uma cruel perseguição contra os christãos; e não podendo soffrer que fosse perseguida a religião que tinham bebido com o leite, incenderam-se em vivissimos desejos de pelejar por ella até á morte.

Sabendo que os edictos imperiaes tinham sido publicados em Calahorra, para lá se dirigiram, renunciando o serviço do imperador e todas as vantagens que podiam esperar da milicia.

Chegados áquella cidade começaram a prégear animosamente Jesus Christo, reprehendendo ao mesmo tempo a cega superstição dos pagãos.

Não foi mister mais para serem reconhecidos por christãos, e como taes mandados prender n'uma hedionda enxovia.

Conduziram-nos entre grande multidão de povo para as margens do rio Arnedo, onde deviam ser degollados.

Alli chegados, S. Emeterio atirou ao ar o anel que trazia na mão e Celedonio um longo, que á vista de todo o povo foram subindo para o ceo até se perderem de vista.

Por ultimo foram degollados, e sepultados proximos do rio, onde se crê que permaneceram muito tempo, até que finalizada a perseguição vieram a ser descobertos, e conservam-se hoje na cathedral de Calahorra, como principaes patronos de toda a diocese.

\*

**Agar no deserto**

(Vid. pag. 247)

Quando Sara, espoza de Abrahão, soube que Deus havia prometido um filho a seu marido, como era já muito velha, e não tinha esperanças de conceber, aconselhou-o a que tomasse por mulher a Agar, a sua escrava egypciaca, o que era permittido pelas leis d'esse tempo, dizendo: «Toma por mulher a

minha escrava, a ver se por meio d'ella, posso ter filhos vossos.»

Abrahão annuiu, e rebebeu Agar. Mas, apenas esta concebeu, começou a desprezar a sua senhora, o que fez com que esta a quizesse castigar, queixando-se d'isso ao marido.

Agar, temendo Sara, fugiu, e andou algum tempo errante pelo deserto. Ahi lhe appareceu um anjo, que a reprehendeu, ordenando-lhe que se apresentasse de novo em casa de sua senhora, e lhe pedisse perdão. Agar conheceu que era ordem de Deus, e obedeceu.

Voltou para casa, e ahi teve um filho que foi chamado Ismael.

Treze annos depois, Sara, apesar de ter já noventa annos, deu á luz um filho, a que Abrahão deu o nome de Isaac. Tanto Ismael como Isaac foram circumcidados, para obedecer á ordem do Senhor, que fizera um pacto com Abrahão, fazendo d'elle o pae d'uma infinidade de povos, com a condição de que seriam circumcidados ao oitavo dia, todos os seus descendentes masculinos.

Isaac ia crescendo; e como Ismael era mais velho do que elle 13 annos, castigava-o por qualquer coisa que elle fizesse, o que fez com que Sara pedisse a Abrahão que expulsasse Agar e o filho, que não tinham direito á herança paterna.

Conformou-se Abrahão, por saber que era essa a vontade do Senhor, que lhe prometteu que Ismael seria o chefe d'um grande povo.

Despediu pois Abrahão a sua serva que errou muitos annos com seu filho pelo deserto, até que, morrendo no Egypto, seu filho esposou uma egypciaca, de quem teve doze filhos, que foram os chefes d'outras tantas tribus, segundo nos affirma a Escriptura.

## RETROSPECTO

## EXPEDIENTE

**Em vista da resolução do correio que não permittiu que o nosso folhetim A VIDA DE S. JOAO DE DEUS fosse incluído dentro do jornal de que fazia parte, continuamos a enviar dois numeros conjunctamente, por ser mais economico para esta administração.**

**Só durará este facto, emquanto se publicar o alludido folhetim, do qual enviaremos oito folhas aos nossos assignantes, e que pertencem ao actual anno. Ser-lhe-hão**

**entregues antes de ser publicado o ultimo numero de 1899 d'O PROGRESSO CATHOLICO. Já veem que não são prejudicados.**

**Pedimos agora a todos os bondosos assignantes que ainda estão em divida no corrente anno, a especialissima fineza de mandarem satisfazer os seus debitos; assim como tambem pedimos aos nossos amigos o obsequio de nos angariarem novos assignantes, pelo que, desde já mui penhorados, lhes agradecemos.**

**Uma bella instituição**

O benemerito prelado portuense, o sr. D. Antonio José de Souza Barroso fundou em 1894 em Moçambique o Instituto Leão XIII, destinado á educação de pretos.

Dos fructos da civilização que d'esse instituto ha direito a esperar dá testemunho a seguinte carta de Sua Ex.<sup>a</sup> Rev.<sup>ma</sup>

*Dom Antonio José de Souza Barroso por mercê de Deus e da Santa Sé Apostolica Bispo do Porto, etc. etc.*

Entre as mais saudosas e gratas recordações dos nossos trabalhos pastoraes em Africa, merece-Nos primacial affecto e empenho o instituto Leão XIII que fundamos para commemorar o Jubileu do immortal Pontifice.

Tivemos a santa inspiração de o fundar, a alegria ineffavel e satisfação intima de o ver crescer em resultados benéficos que honram por igual a religião, a patria e a civilização.

Que ha ahi mais alevantado e nobre do que instruir e educar as pobres meninas negras que vegetavam sem amparo de familia, sem socorro da sociedade, sem elementos de vida honesta e christã?

Que sentimento mais generoso e grande do que acolher em aviario recatado e moralizador esses pequenos seres e fazer d'elles esposos fieis, mães estremosas, filhas dedicadas, obreiras emfim da verdadeira emancipação do seu sexo e buriladores da civilização nascente?

Se a civilização é inquestionavelmente um dos primeiros factores do progresso, em todas as condições de logar e tempo, na Africa é fundamental, e porventura, o unico que póde dar honra á nossa soberania, motivo ao nosso dominio, louvor ao nosso trabalho

e gloria ao nosso nome e, o que mais é, gratidão e reconhecimento d'aquelles povos.

Dedicando-lhe Nós o mais intimo e paternal affecto, visto ser fundação Nossa, consequentemente encarecemos das almas benemeritas e christãs todo o auxilio e protecção, e rogamos, pedimos e exoramos, com o mais vivo interesse, que auxiliem, por todos os meios ao seu alcance, a cruzada santa e patriótica do missionario padre José Vicente do Sacramento—que outra cousa não é mais que ampliar e desenvolver o mesmo Instituto Leão XIII, o qual tanto bem tem feito já em Moçambique, e de que tanto ha a esperar, se almas de eleição concorrerem a dar-lhe elementos de vida.

Dada na Nossa Residencia do Gerez aos vinte e tres d'agosto de mil oitocentos e noventa e nove.

(ass.) † Antonio, Bispo do Porto.

#### Reliquias de Santo Antonio

O Santo Padre remetteu ao Padre Erkenswick uma reliquia de Santo Antonio de Padua, fazendo o religioso entrega d'essa santa reliquia á igreja de S. Dionisio de Hawthorne em Chicago.

Os fieis mandaram fazer um magnifico e sumptuoso relicario que foi benzeido ha pouco tempo.

A exposição das reliquias durou muitos dias, atrahindo milhares de fieis a Chicago, magnifica cidade que já conta mais de 400:000 catholicos romanos.

#### Imponente reunião das Sociedades agricolas

Acaba de realizar-se em Seregnio, mais uma imponente reunião das Associações Catholicas pela undecima vez, n'um dos ultimos domingos.

No cortejo em festa federal das Sociedades Catholicas agricolas de operarios, em Fontaniva, iam 95 bandeiras, 150 representantes de associações e cerca de seis mil socios. Uma respeitavel concorrência.

Sua Santidade o Papa enviou por telegramma a sua benção apostolica; uniu-se de todo o coração aos catholicos alli reunidos e expressou a convicção de que as reuniões e Congressos dos Catholicos renovarão e augmentarão o espirito d'acção para as obras catholicas, produzindo optimos fructos e grandes e magnificos resultados.

A associação catholica, para os distinctos fins sociaes é, na verdade, o meio de fazer avançar as bandeiras do nosso Redemptor, a despeito dos que pretendem impedir-o.

#### Estatística

Um periodico italiano publica a seguinte estatística referente á nacionali-

dade de todos os santos que teem sido canonizados e beatificados durante os tres ultimos seculos:

Italia tem dado 28 santos e 48 beatos; Portugal, 1 e 36; França, 6 e 8; Hollanda, 12 e 1; Belgica, 4 e 1; Alemanha, 2 e 1 e Polonia, 1 e 1 Total 56 santos e 96 bemaaventurados.

#### Collegio de Nossa Senhora do Rosario

Recebemos o relatorio geral do excellento collegio de Nossa Senhora do Rosario em Villa Real, de que é fundador-proprietario o nosso bom amigo o exc.<sup>mo</sup> snr. Padre Jeronymo Teixeira de Figueiredo Amaral.

Este collegio que foi fundado no anno lectivo de 1892-1893, em que houve 29 exames, e 22 alumnos, teve no anno lectivo findo de 1898-1899, 94 alumnos e 66 exames.

Agradecendo a attenção e obsequiosidade do nosso bom amigo, muito desejamos que o bem montado collegio de Nossa Senhora do Rosario continue dando os excellentes resultados que sempre tem dado.

#### Anno Santo

Foi communicado pela Ante-Camara Pontificia, para conhecimento dos directores das peregrinações numerosas que concorrerem a Roma em 1900, durante o Anno Santo, que, para que ninguem fique prejudicado nos seus desejos de receber a Benção Apostolica, e, como a avançada idade de Sua Santidade não lhe permite receber as peregrinações em audiencia particular, Sua Santidade dará solemnemente a sua Apostolica benção aos peregrinos da galeria de Belvedere.

#### Cathecismo de perseverança

Recebemos e agradecemos os fasciculos n.<sup>os</sup> 46 e 47 d'esta utilissima publicação, de que é editor o nosso amigo o snr. Antonio Dourado, que tem actualmente o seu escriptorio no Passeio da Graça.

Estão já publicados quatro volumes d'esta obra do Padre J. Gaume que é uma verdadeira exposição historica, dogmatica, moral, lithurgica, apologetica, philosophica e social da religião.

Ainda se accitam assignaturas aos fasciculos ou volumes, sendo 100 reis o preço de cada fasciculo, pago no acto da entrega.

#### Relatorio

Acabamos de receber o «Relatorio e contas da veneravel irmandade dos Clerigos pobres da Santissima Trindade, sita no edificio do extincto convento de Santa Martha de Lisboa, relativo ao anno economico de 1898-1899.»

Por elle se vê que a receita foi de 8:040\$516 reis, e a despeza de reis 8:011\$907, d'onde se collige que houve um saldo de 28\$109 reis que fica para o anno de 1899-1900.

Agradecemos o exemplar com que foi brindada esta redacção.

#### A nova igreja de Cedofeita

Apezar de ser um facto já sabido, graças á publicação dos jornaes diarios d'esta cidade, e das noticias mandadas para os jornaes da provincia, ainda assim somos obrigados a noticiar que no dia 1 do mez passado foi collocada solemnemente a primeira pedra para o novo templo.

A's 4 horas e meia da tarde entrava processionalmente o Ex.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Snr. D. Antonio Barroso, egregio bispo d'esta diocese, acompanhado das confrarias da Senhora do Rosario, e do Santissimo Sacramento, numeroso clero e respectivas auctoridades na quinta do priorado, sita á rua da Carvalhosa. Em seguida o bondoso prelado benzeu a pedra e collocou-a no seu lugar, tendo os assistentes assignado o auto que foi encerrado no cabouco com as moedas do actual reinado.

Houve depois *Te Deum*, na igreja velha, a que assistiu S. Exc.<sup>a</sup> Rev.<sup>ma</sup> assim como o Rev.<sup>mo</sup> bispo de Meliapor, e demais convidados.

#### O Papa

Dizem de Roma que, em consequencia do Papa se encontrar algum tanto incommodado, limitou-se por prescripção medica o numero de audiencias concedidas por Sua Santidade.

Leão XIII acabou de escrever uma encyclica que dirigirá ao clero catholico inglez por motivo de certas controversias religiosas existentes na Inglaterra.

O Papa deliberou que no proximo anno se celebre em Roma um congresso internacional de operarios catholicos.

## SECÇÃO BIBLIOGRAPHICA

#### O Padre parochiando.

#### resando e celebrando

Um livro com este titulo, no qual se explicou os deveres do ecclesiastico, como pastor d'almas, na recitação do Breviario e na celebração da santa missa, não será um livro importantissimo, interessante e até necessario? Sem duvida nenhuma.

Effectivamente, o Padre, á frente d'uma parochia, administrando os sacramentos aos fieis da sua circumscripção, e distribuindo-lhes outros bens espirituaes a que é obrigado; o Padre, rezando o Officio divino, que é um compendio admiravel do antigo e novo Testamento, de sentenças dos Santos Padres, vida dos Santos e das preces da Igreja; o Padre, no altar, celebrando o agusto e tremendo sacrificio: eis aqui os tres pontos essenciaes ou os

mais notáveis e salientes do ministerio sacerdotal, nos quaes se encerram todos os deveres do Padre.

Nada mais util e conveniente e necessario do que saber bem o que pertence a cada um d'aquelles pontos da vida ecclesiastica, para os exercer dignamente, segundo as regras e o espirito da Egreja.

O rev. José Victorino Pinto de Carvalho, Reitor de Mancellos (concelho de Amarante), acaba de publicar um livro com a epigrapha que encima o presente artigo. E' um pequeno livro, constando apenas de 114 paginas; mas é um livro preciosissimo, optimo em toda a extensão da palavra.

O *Padre parochiando, resando e celebrando*, repito, é um livro preciosissimo, um livro optimo; e o seu illustrado auctor desempenha magistralmente o seu trabalho quanto ao fim que se propoz.

Digo isto muito accentuadamente, sem o menor espirito de lisonja; e não duvido de que a mesma coisa dirão todos os que attentamente lêrem o livro do snr. Reitor de Mancellos.

E' na verdade uma obra d'um valor superior a todo o elogio pelos grandes predicados que a exornam; solidez de doutrina, ordem na exposição, precisão e clareza, elegancia e simplicidade ao mesmo tempo do estylo.

Eu nada digo que seja extranho, porque o nome do rev. José Victorino Pinto de Carvalho é bem conhecido na imprensa catholica. E todos os que teem lido os seus escriptos apreciam e admiram as suas qualidades litterarias, aquellas que acima ficam notadas.

Outra coisa temos a notar no livro do snr. Reitor de Mancellos: é que, sendo um breve opusculo, diz sobre o assumpto tudo o que se pôde dizer de absoluta necessidade, sem lhe faltar materia alguma essencial.

Sem duvida, os deveres do clero no officio parochial, na resa do Breviario e na celebração da missa podiam muito bem escrever-se n'um grosso volume, ou ainda em muitos volumes, sendo desenvolvidas as diversas partes do assumpto. Ora muito bem.

Mas o auctor do livrinho de que me occupo, o snr. Reitor de Mancellos, teve a rara habilitade de compendiar o que largamente se acha escripto sobre os topicos que versa. Foi, além d'isso, uma feliz lembrança.

De maneira que o livrinho é, a certos respeitoes, preferivel a grandes volumes sobre igual assumpto; ou pelo menos a leitura d'estes não dispensa aquelle que, sendo breve e claro, serve para todos.

Serve para todos, não só por ser um resumo claro do mais necessario ao clero, mas até pela modicidade do preço que custa o tal livrinho, accessivel a todas as bolsas. E, a fallar verdade, os tempos não são para obras muito dispendiosas, sobretudo quanto ao clero em geral.

Pouco mais se me offerece a dizer sobre o magnifico livrinho do snr. Reitor de Mancellos, porque não intento analysal-o, mas só inculcal-o como digno de ser estudado e praticado.

Apenas algumas reflexões.

Tratando do Parocho, diz o auctor que entre os romanos se chamava assim o cidadão encarregado de assistir aos embaixadores estrangeiros e de lhes fornecer o necessario.

A' similhança d'esses foi que, segundo alguns, a Egreja adoptou o nome de parocho para designar aquelles sacerdotes que teem a seu cargo as freguezias, e administrar aos povos o alimento da palavra e os sacramentos.

Isto sustenta o auctor; e eu sou do mesmo parecer. E accrescenta que os romanos tambem chamavam parocho ao homem que convidava para um banquete, como se vê em Horacio.

Mais abaixo diz o snr. Reitor de Mancellos:

«Parece que foi S. Diniz, vigesimo sexto

Papa, quem dividiu as dioceses em parochias, assignando a cada sacerdote uma porção de territorio. N'este caso são os parochos de instituição pontificia. Mas tambem ha quem julgue que são de instituição apostolica, crendo que foram os proprios Apostolos que fizeram a primeira divisão de parochias.»

Não tenho aqui espaço para discutir este ponto, nem é necessario para o fim que me proponho; mas brevemente direi que só reputo verdadeiro o primeiro parecer: os parochos são de instituição ecclesiastica, ou do seculo III em que pontificou S. Diniz, ou do seculo IV.

E' o que dizem os mais celebres theologos e canonistas.

Ha tambem quem diga que os parochos são de instituição divina, e que são successores dos 72 discipulos escolhidos por Christo!

Esta opinião e falsa, foi sustentado pelos jansenistas e adoptada pelo synodo de Pistoya no seculo passado, cujas theses foram condemnadas pela Santa Sé.

Alguns theologos incautamente teem abraçado esta opinião que se acha refutada pelos auctores mais famosos e orthodoxos.

Vou concluir, recommendando o livrinho do snr. Reitor de Mancellos.

Padre João Vieira Neves Castro da Cruz.

Este livro vende-se em casa do seu editor, Aloysio Gomes da Silva, **Livraria Catholica Portuense**, Largo dos Loyos, 53 e 54 — Preço, 200 réis.

## CALENDARIO

### MEZ DE NOVEMBRO DE 1899

- 1 Quart. ✕ *Festa de todos os Santos.*
- 2 Quint. Commemoração dos fieis defunctos.
- 3 Sext. (*Abst. de carne*) S. Malaquias B.
  - ☉ *Lua nova* ás 2 h. da t.
- 4 Sabb. S. Carlos Borromeu, Arc. Card.
- 5 Dom. S. Zacharias e Santa Isabel.
- 6 Seg. S. Leonardo e S. Severo B. M.
- 7 Terç. S. Florencio B.
- 8 Quart. S. Severiano e seus Cc. mart.
- 9 Quint. S. Theodoro M. ☾ *Q. cresc.* ás 10 h. da m.
- 10 Sext. (*Abst. de carne*) S. André Avelino.
- 11 Sabb. (*Jej.*) S. Martinho B.
- 12 Dom. *Patrocinio de Nossa Senhora.*
- 13 Seg. S. Eugenio B.
- 14 Terç. Trasl. de S. Paulo, 1.º Eremita.
- 15 Quart. S. Gertrudes Magna V.
- 16 Quint. S. Gonçalo de Lagos.
- 17 Sext. (*Abst. de carne*) S. Gregorio B. ☉ *Lua cheia* aos 33 m. da t.
- 18 Sabb. S. Fomão M.
- 19 Dom. S. Isabel da Hungria.
- 20 Seg. S. Felix de Valois Conf.
- 21 Terç. Apres. de N. Senhora no templo.
- 22 Quart. S. Cecilia.
- 23 Quint. S. Clemente P. M.
- 24 Sext. (*Abst. de carne*) S. João da Cruz C.
- 25 Sabb. S. Catharina de Senna V. M. ☾ *Q. ming.* ás 10 h. 33 m. da m.
- 26 Dom. S. Pedro Alexandrino B. M.
- 27 Seg. S. Margarida de Saboia Viuva.
- 28 Terç. S. Jacob da Marca F.
- 29 Quart. S. Saturnino M.
- 30 Quint. S. André Ap. († *abolido*).

## LAUSPERENNES NO PORTO

### EM CADA SEMANA

**Domingo**—Terceiros do Carmo, Trindade, V. N. de Gaya, Lapa, S. Francisco e Foz.  
**Segunda-feira**—Almas de S. José das Taypas, Bomfim, e Capella das Meninas Desamparadas.

**Terça-feira**—S. Ildefonso, Carmo, e Misericordia.

**Quarta-feira**—Terço, e Victoria.

**Quinta-feira**—Miragaya, Almas de S. Catharina, e Misericordia.

**Sexta-feira**—S. João Novo, Congregados, Lapa, e Misericordia.

**Sabbado**—Clerigos, e Orphãs de S. Lazaro.

### EM CADA MEZ

**1.º Domingo de cada mez**—Seminario Episcopal, Congregados, e Massarellos.

**1.ª Segunda-feira de cada mez**—Santa Clara.

**1.ª Sexta-feira de cada mez**—S. Bento da Victoria.

**2.º Domingo de cada mez**—S. Bento da Ave-Maria e Massarellos.

**3.º Domingo de cada mez**—Cedo-feita.

**Ultimo domingo de cada mez**—S. Bento da Victoria.

**Ultima quinta-feira de cada mez**—S. Bento da Victoria.

## O PROGRESSO CATHOLICO

(Publica-se nos dias 1 e 15 de cada mez)

O administrador,

**José Fructuoso da Fonseca**  
72—Rua da Picaria—74

### CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Continente portuguez e Hespanha, 800 reis—Ilhas, o mesmo preço, sendo feito o pagamento em moeda equivalente á do continente. Provincias ultramarinas e paizes da União Geral das Correios, 1\$100 reis—Estados da India, China e America, 1\$280 reis, moeda portugueza—Numero avulso 100 reis.

**As assignaturas não pagas adeantadamente**

**José Joaquim d'Oliveira**

PARAMENTEIRO E SIRGUEIRO

103, Rua do Souto, 105—BRAGA

*Premiado nas Exposições Industrial Portuense de 1887, Industrial de Lisboa de 1888 e Universal de Paris de 1889*

Fabrica de damascos de seda e ouro, lisos e lavrados; paramentos para egreja; galões e franjas d'ouro fino e falso; setim e nobrezas para opas.

Esta fabrica já foi visitada varias vezes pelas Familias reaes Portuguezas.

OBRAS Á VENDA EM CASA DO EDITOR  
**JOSÉ FRUCTUOSO DA FONSECA**  
 72—Rua da Picaria, 74—PORTO

**ULTIMAS PUBLICAÇÕES**

**MODO**  
 DE  
**OUVIR MISSA PELOS DEFUNCTOS**

E  
**Orações do bom christão**

OBRA RECOPIADA

POR  
 ANTONIO PEIXOTO DO AMARAL  
 COM APPROVAÇÃO  
 DO EX.<sup>mo</sup> E REV.<sup>mo</sup> SNR. VIGARIO CAPITULAR  
**Preço: Broch., 100; enc., 160.**

PADRE J. BERTHIER, M. S.

**O LIVRO DE TODOS**

VERTIDO DA ULTIMA EDIÇÃO FRANCEZA

POR  
 A. PEIXOTO DO AMARAL

**Preço: Broch., 600; enc., 700**

**A MÃE**

SEGUNDO A VONTADE DE DEUS  
 OU

**DEVERES DA MAE CHRISTA**

PARA COM SEUS FILHOS

POR  
 O Abbade J. BERTHIER, M. S.

Vertido da 4.<sup>a</sup> edição franceza

POR  
 A. PEIXOTO DO AMARAL

Prefaciado por varios escriptores catholicos. Preço **600** reis.

**FORMA DA CONSAGRAÇÃO**

AO

**SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS**

Prescripta pelo SS. Padre Leão XIII na  
 Encyclica de 25 de Maio de 1899  
 Approvada pelo Ex.<sup>mo</sup> Snr. Vigario Capitular  
 Coelho da Silva

**Preço em cartão . . . . . 10**

**Pedidos ao editor José Fructuoso da Fonseca—Rua da Picaria n.º 74—Porto.**

**ORAÇÃO A S. JOSÉ**

Cento, 600; avulso, 10 reis.

**NOVENA**

DO

**ESPIRITO SANTO**

PELO

P.<sup>o</sup> MANOEL MARINHO

Approvada e indygençada

POR

S. Em.<sup>a</sup> o Sr. Cardeal D. Americo,  
 Bispo do Porto

Brochado . . . . . 100 reis  
 Encadernado . . . . . 150 »

A' venda no escriptorio de Antonio Dourado, Rua do Carmo n.º 3, Porto, e em Lisboa, Agencia Universal de publicações, Rua da Victoria 38-1.º e nas principaes livrarias.

**LADAINHA**

DO

**Sagrado Coração de Jesus**

Approvada para toda a Egreja pelo Summo Pontifice Leão XIII por decreto da S. C. dos Ritos, em 2 d'abril de 1899.

Cada cento . . . . . **600 reis**  
 Avulsas . . . . . **10 »**

**FORMULA DA CONSAGRAÇÃO**

AO

**SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS**

Prescripta pelo S. Padre Leão XIII  
 na Encyclica  
 de 25 de maio de 1899

Cada cento em cartão **800 reis**  
 Avulsa . . . . . **10 »**

**GRANDE PROMESSA**

Communhão das nove primeiras sexta-feiras de mezes consecvtivos. Preço de cada cento em cartão, 800; avulso 10 reis.

**Coroa do Coração de Jesus**

Compõe-se de cinco dezenas em honra das Cinco Chagas de Nosso Senhor Jesus Christo. Cento, 600; avulso, 10 reis.

**Cartas Encyclicas do Santo**

**Padre Leão XIII** aos Patriarchas, Primazes, Arcebispos e Bispos de todo o mundo catholico  
 2 vol., 1\$000 reis.

**Catecismo contra o Protestan-**

**tismo**, Composto pelo Cardeal Cuesta; Arcebispo de S. Thiago; approvado e recommendado pelo Em.<sup>mo</sup> Cardeal Bispo do Porto. Cada exemplar, 50 reis; 25—1\$000; 50—1\$700; 100—2\$800.



CONDE DE SAMODÃES

**O MEZ DOS FINADOS**

MEDITAÇÕES PARA TODOS OS DIAS  
 DO MEZ DE NOVEMBRO

COM APPROVAÇÃO E INDYGENCIADO PELO EM.<sup>mo</sup>  
 E REV.<sup>mo</sup> SENHOR

CARDEAL BISPO DO PORTO

**Preço Enc. . . . . 400 réis!**

Vende-se nas principaes livrarias, e na casa do editor

R. da Picaria, 74—PORTO

**As Chammas do Amor de Je-**

**SUS**, ou provas do amor que Jesus tem dempção, testemunhado na obra da nossa redempção, pelo Abbade D. Pinnard. Tradução pelo rev. Padre Silva, professor do Collegio de Cucujães e precedido d'uma carta encomiastica de Monsenhor Rodrigues Vianna, dignissimo director espirital dos Seminarios Diocesanos do Porto. E' um livro precioso e já conta as valiosissimas approvações e recommendações do Em.<sup>mo</sup> Sr. Cardeal D. Americo Bispo do Porto; Em.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Snr. Cardeal Patriarcha de Lisboa, e dos Ex.<sup>mos</sup> Snrs. Bispos d'Angra, de Macau, do Funchal, e do Arcebispo-Bispo do Algarve. Um volume de perto de 500 paginas in-16.º 2.<sup>a</sup> edição 1 vol. encad., 600 reis.

**O Apostolado da Imprensa, O Apostolado da educação, O Apostolado do Clero.**

Conferencias religiosas que nos domingos da Quaresma de 1882, 1883 e 1884 recitou na Se Cathedral do Porto Monsenhor Luiz Augusto Rodrigues Vianna—3 vol. broch., 750 reis.

Todas estas publicações teem a approvação da auctoridade ecclesiastica.